

**○ PAR
“É + ADJETIVO”
COMO RECURSO DE
MODALIZAÇÃO:
REFLEXÕES INICIAIS**

CORBARI, Alcione Tereza¹
SELLA, Aparecida Feola²

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras – área de concentração em Linguagem e Sociedade da Unioeste, campus de Cascavel. E-mail para contato: alcione_corbari@hotmail.com.

² Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras – Unioeste, campus de Cascavel. E-mail para contato: afsella1@yahoo.com.br.

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar as ocorrências do par “é + adjetivo”, quando em função modalizadora, no texto *Comunicação democrática: quem financia a mídia privada?*, de autoria de Venício de Lima, publicado no jornal *Observatório de Imprensa (on-line)*. O estudo limita-se à observação de recortes em nível frasal e parte da hipótese de que o par “é + adjetivo” é um recurso de modalização, uma vez que o seu uso evidencia a posição tomada pelo produtor do texto ao construir o enunciado, revelando sua intervenção avaliativa com relação ao conteúdo da mensagem. Antes da análise propriamente dita, faz-se uma retomada dos estudos que impulsionaram a pesquisa aqui parcialmente relatada. Trata-se dos estudos desenvolvidos no interior do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Unioeste por Sella (2000, 2004), Sella e Roman (2004), Busse (2004) e Vicenti (2007). Procura-se demonstrar a pertinência desses estudos para a pesquisa em desenvolvimento, bem como apontar algumas redefinições surgidas em razão do perfil do *corpus*, que se apresenta diferente do selecionado pelas autoras supracitadas, e em razão de novas perspectivas de análise, pautadas mais diretamente nos trabalhos de Castilho e Castilho (1992).

Palavras-chave: estrutura modalizadora “é + adjetivo”, modalização lingüística.

Abstract: The aim of this article is to analyze the occurrences of the phrase “é (is) + adjective”, in its modalizing function, in the text *Comunicação democrática: quem financia a mídia privada?*, by Venício de Lima, published in the online newspaper *Observatório da Imprensa*. In this study, we consider only excerpts at the phrasal level and work on the hypothesis that the unit “é (is) + adjective” constitutes a device of modalization, since its use is an evidence of the evaluative position of the text producer, expressing his judgement concerning the content of the message. Before the analysis proposed in this paper, we revisit the studies that have been developed at the Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Unioeste by Sella (2000, 2004), Sella and Roman (2004), Busse (2004) and Vicenti (2007). We try to demonstrate the pertinence of these studies to the research that has been carried out and to highlight some redefinitions that arise from the profile of the *corpus*, which is different from the *corpus* selected by the authors mentioned above, and from the new perspectives of analysis, based especially on the works of Castilho and Castilho (1992).

Key-words: modalizing structure “é (is) + adjective”; linguistic modalization.

I INTRODUÇÃO

A necessidade de se repensar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas fez surgir algumas reflexões no âmbito dos estudos lingüísticos promovidos pelo Programa de Pós-

Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste-Cascavel, mais especificamente por parte de pesquisadores inscritos na linha de pesquisa *Funcionamento dos Mecanismos Lingüísticos*. Este trabalho representa um relato parcial de pesquisa em andamento que emerge dessas discussões e apóia-se em estudos anteriores (SELLA, 2000; 2004; SELLA; ROMAN, 2004; BUSSE, 2004; VICENTI, 2007) que se voltam à análise dos arranjos sintático-semânticos que sustentam pontos de vista e determinam condições de interlocução, e, ainda, em autores que lidam com a modalização, como Castilho e Castilho (1992).

Sob uma perspectiva sintático-semântica-discursiva, esse estudo parte da hipótese de que o par “é + adjetivo” representa uma estrutura modalizadora. Para verificar a pertinência dessa hipótese, foram selecionados, para este artigo, recortes em nível frasal em que aparece a estrutura “é + adjetivo” em função modalizadora. Tais fragmentos foram coletados do artigo de opinião *Comunicação democrática: quem financia a mídia privada?*, de autoria de Venício de Lima, veiculado no jornal *Observatório da Imprensa (on-line)*. Esse jornal apresenta textos de debate e crítica relacionados a conteúdos que vêm sendo expostos na mídia, bem como a atitudes de profissionais do campo jornalístico ou de certos grupos de veículos de comunicação.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAR “É + ADJETIVO”

Os estudos envolvendo a estrutura “é + adjetivo” começam a ser desenvolvidos, no interior do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, *campus* de Cascavel, por Sella (2000, 2004) e Sella e Roman (2004). As autoras verificam que as estruturas com predicado nominal referenciam uma asseveração, feita pelo produtor do texto, que evidencia uma certa posição assumida, pois demarcam um ato de fala pontual que emerge no próprio momento da produção do enunciado.

Para as pesquisadoras, em estruturas com predicado nominal em ordem canônica (sujeito + verbo de ligação + predicativo), a atitude do produtor sinaliza uma avaliação de teor informativo ou descritivo. Sella e Roman (2004) tomam, inicial-

mente, o enunciado *O trabalho de camelô é encarado como ganha pão* para explicar que a asseveração demarcada pelo predicado nominal é apresentada como uma informação que define o conteúdo expresso no sujeito e aciona contornos argumentativos que evidenciam ou confirmam o posicionamento do produtor.

Assumindo a perspectiva apresentada por essas autoras, Busse (2004) amplia a análise, observando também os casos em que o par “é + adjetivo” aparece em posição inicial, como no exemplo abaixo:

(a) *Diante de tais fatos, é imprescindível que haja denúncias, não só por parte da mídia ou candidatos oponentes, mas da população em geral, pois só assim, vamos eleger bons líderes para nossa nação*³.

Nesse caso, a autora descreve a estrutura *é imprescindível* como *predicado nominal deslocado*, que vem seguido do *Expositivo* (sujeito)⁴. O termo *Expositivo* foi utilizado por Sella (2000) para a análise dos casos semânticos que ocorrem com o verbo “ser”. No exemplo acima, o *Expositivo* compreende a porção *que haja denúncias, não só por parte da mídia ou candidatos oponentes, mas da população em geral*.

A partir de exemplos como esse, Busse (2004) verifica que o deslocamento do predicado nominal para o início do enunciado apresenta-se como um recurso à focalização da afirmação contida no núcleo do próprio predicado e do sujeito. Segundo a autora, ao apontar para a topicalização da informação, o produtor do texto deixa entrever de imediato uma determinada posição assumida.

As contribuições de Sella (2000, 2004), Sella e Roman (2004) e Busse (2004) serviram de base para a pesquisa proposta por Vicenti (2007), que se atém à análise da estrutura “é + adjetivo” apenas quando em posição inicial. Aliando à noção de modalização – já visualizada em Busse (2004)

³ Fragmento analisado por Busse (2004: 38), retirado de texto produzido por candidato ao Vestibular Especial/2002 da Unioeste.

⁴ Conforme verifica Sella (2000), é comum o *Expositivo* apresentar-se sintaticamente como sujeito na condição de referente, uma vez que retrata o conteúdo sobre o qual o predicado nominal exerce condições de determinação.

– o princípio sugerido por Halliday (1985) de que a posição sintática indica um tipo específico de organização semântica, Vicenti (2007) passa a denominar a estrutura de *predicado nominal em posição temática*.

Para Halliday (1985), o elemento em posição inicial sinaliza o tema daquilo que se vai comunicar e é o responsável por direcionar o conteúdo da mensagem, seja ele o sujeito ou não. Com base nessa noção, Vicenti (2007) verifica que a estrutura “é + adjetivo” em posição inicial possui não só estatuto temático, mas também um teor modalizador. Nessa perspectiva, em fragmentos como o apresentado abaixo, o produtor do texto tende a expor seu ponto de vista ou julgamento ao colocá-lo em posição inicial no momento em que produz a mensagem:

(b) *É interessante observar a disparidade de opiniões que este assunto gera nas pessoas*⁵.

Com essa estratégia, segundo a autora, o falante orienta o conteúdo da mensagem para que o interlocutor, antecipadamente, tome conhecimento de sua opinião pessoal, o que demonstra a pretensão de que um certo grau de engajamento com relação ao conteúdo da mensagem seja reconhecido.

Na pesquisa em desenvolvimento aqui retratada, esse entendimento é parcialmente incorporado. A exemplo de Vicenti (2007), entende-se que a estrutura “é + adjetivo” carrega a função modalizadora. No entanto, as análises feitas acerca dessa estrutura levaram ao abandono da noção de predicado nominal – tanto a apresentada por Vicenti (2007) – *em posição temática* – quanto a apresentada por Busse (2004) – *deslocado*. Essa mudança deu-se em razão da observação de que a estrutura “é + adjetivo” em posição inicial – como a expressão *é interessante*, do exemplo (b) – apresenta um estatuto modalizador, o que extrapola a organização sintática *sujeito + predicado*.

Essa análise encontra respaldo em autores que tratam da modalização lingüística. Koch (2002), por exemplo, aponta, dentre as formas possíveis de lexicalização da modalização lingüística, os *predicados cristalizados*, como *é certo*, *é preci-*

⁵ Fragmento analisado por Vicenti (2007), produzido por candidato ao vestibular da Unioeste em 2004.

so, *é necessário, é provável* etc. Da mesma forma, Neves (1996) faz menção a esse tipo de estrutura modalizadora, descrevendo-a como *adjetivo em posição predicativa*. Castilho e Castilho (1992) também citam como indicadores de modalização os adjetivos, sós ou em expressões como *é possível, é claro, é desejável* etc.

Encontramos respaldo para o entendimento de que o par “é + adjetivo” é uma estrutura modalizadora também na proposta de Dascal (1986). O autor entende que a enunciação de qualquer frase transmite ao seu ouvinte uma “significação” que vai além do que é geralmente descrito como “significado” da frase (este, geralmente confinado ao conteúdo proposicional)⁶.

Para o autor, a significação de uma enunciação, apesar de incluir uma série de fatores que são, de uma certa maneira, indeterminados, é razoavelmente bem estruturada, à maneira de uma cebola. Os diversos fatores mencionados constituem as “camadas” da significação, que se dão, basicamente, em três planos:

As mais internas são as que estão relacionadas com o “conteúdo proposicional” e são normalmente explicadas pela semântica, enquanto as mais externas (i.e. as relacionadas às implicações conversacionais) têm sido tradicionalmente associadas à pragmática. Naturalmente, tem havido muitas discussões sobre as camadas intermediárias (i.e. força ilocucionárias) e até o momento não há consenso se elas pertencem à semântica ou à pragmática (DASCAL, 1986: 200).

Numa adaptação dessa teoria, Castilho e Castilho (1992) descrevem o nível intermediário como sendo a camada modal. Nesse sentido, as duas primeiras camadas (proposicional e modal) correspondem à dicotomia *dictum-modus* apresentada pela gramática tradicional: de um lado, tem-se a proposição, o conteúdo do pensamento (*dictum*) e, de outro, a atitude que o sujeito toma em relação a esse conteúdo (*modus*).

⁶ Para o autor, a significação da frase inclui muitos outros fatores, além desse mesmo conteúdo proposicional: “o motivo da enunciação falante [...], a força ilocucionária do enunciado, o grau de envolvimento do falante ao que ele disse [...], as mensagens indiretas tais como as ‘implicações conversacionais’ – que o enunciado pode, ou não (intencionalmente) transmitir, as informações não-intencionais sobre o falante e suas crenças que possam ser inferidas a partir do enunciado, etc.” (DASCAL, 1986: 200).

Conforme os autores, a seleção de um tema e a formulação de uma declaração a partir desse tema se restringe à camada proposicional. Já na camada modal, as significações decorrem das avaliações que o emissor realiza a propósito do que ele fez constar na camada proposicional. Ele pode considerar a proposição como um conhecimento ou uma crença, como um “dever” ou uma permissão, diante dos quais ele manifestará as suas emoções e expectativas.

Nessas duas primeiras camadas (proposicional e modal), as significações estão depositadas nas formas linguísticas lexicais, gramaticais e suprasegmentais. Na camada pragmática, as significações são produzidas no espaço do discurso, compreendendo as inferências e as pressuposições com que os usuários da língua preenchem o ato comunicativo, as relações de simetria e assimetria entre emissor e receptor e seus efeitos na codificação/decodificação da mensagem etc. (cf. CASTILHO; CATILHO, 1992).

Adotando a metáfora proposta por Dascal (1986), os autores explicam que essas três camadas sugerem uma hierarquia, em que as significações proposicionais ficam no centro, logo “envelopadas” pelas modalizações, e tudo isso ganha um novo sabor com as contextualizações providenciadas pela pragmática, “essa soberba cozinheira” (CASTILHO; CASTILHO, 1992: 214).

A partir dessa perspectiva, entende-se que o par “é + adjetivo” está situado na segunda camada, não fazendo parte do conteúdo proposicional. Nesse sentido, no fragmento citado acima – *É interessante observar a disparidade de opiniões que este assunto gera nas pessoas* –, o conteúdo proposicional se limita à porção textual *observar a disparidade de opiniões que este assunto gera nas pessoas*, sendo a expressão *é interessante* responsável por verbalizar uma determinada atitude e intenções do falante com respeito ao conteúdo expresso no texto e, conseqüentemente, revela seu grau de engajamento com o conteúdo proposicional.

3 ANÁLISE DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS DO PAR “É + ADJETIVO”

Conforme Koch (2002), ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enun-

ciados que produz por meio de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que se atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece. Dentre os vários tipos de lexicalização possível, este estudo se ocupa com o par “é + adjetivo”, conforme exposto anteriormente.

No texto selecionado para análise, foram encontradas quatro ocorrências em que esse par assume função modalizadora, quais sejam:

- (1) *Com isso, **é sempre difícil** avaliar com segurança – sobretudo para os não iniciados no mundo das finanças, como o signatário – qual o peso relativo dos investimentos de diferentes setores da atividade econômica no conjunto dos recursos que são destinados à grande mídia privada.*
- (2) *Tratados como segredo comercial, **é praticamente impossível** obter informações relativas a faturamento, fonte e distribuição por veículo de investimentos publicitários, empréstimos, dívidas ou lucros dos grandes grupos de mídia.*
- (3) *Como esses percentuais se referem a médias gerais, **é impossível** a avaliação comparativa dos investimentos nos principais grupos de mídia do país.*
- (4) *E **é necessário**, também, que se tenha o devido cuidado para não reduzir a ampla questão dos financiamentos públicos apenas aos investimentos publicitários.*

Esses fragmentos foram analisados de acordo com categorias tradicionais de modalização lingüística, ou seja, *epistêmica* e *deôntica*. Koch (2002) descreve a modalidade epistêmica como aquela que se refere ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que o falante tem de um estado de coisa. Para Castilho e Castilho (1992), o recurso da modalização epistêmica é usado para expressar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. Para Neves (1996: 178), “a avaliação epistêmica situa-se em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*” (grifos da autora).

Já a modalidade deôntica é descrita como pertencente ao eixo da conduta; situa-se no domínio do dever (obrigação e permissão) e liga-se à volição e à ordem. Para Castilho e

Castilho (1992), os modalizadores deônticos indicam que o falante considera o conteúdo de P como um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente (por exemplo, *Tem que P*). Conforme esses autores, a modalidade deôntica está mais presente na interação espontânea, quando o falante deseja atuar fortemente sobre o interlocutor.

Com relação aos fragmentos em análise, tem-se, de acordo com as classificações dadas acima, a manifestação da modalização epistêmica em (1), – *é difícil* –, (2) e (3), – *é impossível*. Em (4), o par *é necessário* representa um exemplo típico da modalização deôntica.

Embora Castilho e Castilho (1992) voltem-se à análise dos advérbios, as proposições feitas pelos autores é plausível de ser empregada na análise de outros elementos modalizadores. Os três primeiros fragmentos, apresentados acima, por exemplo, podem ser interpretados de acordo com as subclasses estabelecidas pelos autores para a classificação dos advérbios que veiculam a modalidade epistêmica: *asseverativos*, *quase-asseverativos* e *delimitadores*. Os *asseverativos* indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo de P, apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica (por exemplo, *Eu sei [com certeza] que P*). Os *quase-asseverativos* indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se exime da responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição (por exemplo, *Eu acho, Eu suponho, É provável que P*). Os *delimitadores* “acercam” a proposição, estabelecendo os limites dentro dos quais deve-se encarar o conteúdo de P (por exemplo, *Digamos que do ponto de vista X, Y*).

Fazendo uma transposição dessa teoria para a análise dos recortes sob investigação, observa-se que os pares *é impossível* e *é difícil*, sozinhos, enquadram-se na categoria dos *asseverativos*, uma vez que, ao usar essa estratégia modalizadora, o produtor do texto se compromete com o conteúdo expresso, apresentando-o como uma verdade. Os pares em questão são observados como uma *necessidade epistêmica*

(cf. CASTILHO e CASTILHO, 1992), pois enfatizam o conteúdo proposicional e revelam um alto grau de adesão do falante com relação a esse conteúdo.

No entanto, é preciso observar que os advérbios que acompanham o par “é + adjetivo” em dois dos casos analisados (*é sempre difícil* e *é praticamente impossível*) podem modificar o estatuto modalizador da estrutura em questão.

Observe-se, primeiramente, o fragmento, retomado abaixo, em que o par “é + adjetivo” não vem acompanhado de um advérbio:

(3) *Como esses percentuais se referem a médias gerais, é impossível a avaliação comparativa dos investimentos nos principais grupos de mídia do país.*

Nesse caso, o produtor do texto apresenta como certa a avaliação que faz por meio da estrutura modalizadora e se coloca em uma certa posição em que se obriga a assumir a responsabilidade pelo que expõe no conteúdo proposicional. Retomando as subclasses de Castilho e Castilho (1992), pode-se dizer que esse exemplo retrata um caso de modalização epistêmica veiculada por uma estrutura modalizadora asseverativa.

É interessante abrir um parêntese aqui para observar que a partícula negativa (*im-*) modifica o teor modalizador veiculado pelo adjetivo *possível*. Sem essa partícula, o adjetivo enquadrar-se na subclasse quase-asseverativa, uma vez que o produtor do texto, ao usá-lo (no par *é possível* ou em sua forma adverbializada *possivelmente*), procura manter uma certa distância do conteúdo expresso, não se responsabilizando integralmente pelo que diz. Já com a expressão *é impossível*, o produtor apresenta-se como responsável pelo que diz e seu engajamento com o conteúdo expresso é destacado. Nos termos de Neves (1996), pode-se dizer que há um deslize no *continuum* da modalização epistêmica ao se usar um ou outro desses termos.

Fechando o parêntese, retoma-se, agora, o recorte em que a expressão *é impossível* vem acompanhada pelo advérbio *praticamente*:

(2) *Tratados como segredo comercial, é praticamente impossível obter informações relativas a faturamento, fonte e distribuição por*

veículo de investimentos publicitários, empréstimos, dívidas ou lucros dos grandes grupos de mídia.

Diferente do que ocorre no fragmento (3), nesse recorte, o produtor do texto exime-se da responsabilidade total pelo que afirma no conteúdo proposicional ao acrescentar o advérbio *praticamente* que, conforme Castilho e Castilho (1992), enquadra-se na categoria dos delimitadores (*hedges*).

Assim, a expressão *é impossível*, que, conforme a análise exposta acima, é analisada como um asseverativo, é agora semanticamente remodelada com a inclusão do advérbio em questão. A expressão como um todo passa, então, a ser entendida como uma estrutura modalizadora quase-asseverativa, nos termos de Castilho e Castilho (1992). Ou seja, no fragmento (2), a adesão do produtor do texto com relação ao conteúdo expresso é atenuada com a inclusão do advérbio *praticamente*. Ao usar esse termo, há uma mudança na escala do *continuum* epistêmico (cf. NEVES, 1996), que vai do certo (*é impossível*) para o quase certo (*é praticamente impossível*).

O mesmo não ocorre com o advérbio *sempre*, conforme se observa no fragmento (1), aqui retomado:

(1) *Com isso, é sempre difícil avaliar com segurança – sobretudo para os não iniciados no mundo das finanças, como o signatário – qual o peso relativo dos investimentos de diferentes setores da atividade econômica no conjunto dos recursos que são destinados à grande mídia privada.*

No entanto, apesar de não se observar uma mudança de classe (de *asseverativo* para *quase-asseverativo*), como ocorre com o fragmento (2), parece que o produtor do texto, ao usar o advérbio *sempre*, expressa uma opinião geral, que não é sua. Ou seja, o produtor do texto parece querer demonstrar que está fazendo muito mais uma constatação de um fato corriqueiro, posto à observação de todos, do que marcando sua posição avaliativa com relação ao conteúdo da mensagem. Com isso, atenua-se a adesão e comprometimento do produtor do texto com relação ao conteúdo proposicional, embora essa atenuação não se dê com a mesma intensidade observada no fragmento (2). Por outro lado, o grau de certeza parece

ser maximizado à medida que o produtor do texto toma o fato exposto como certo, corriqueiro e, portanto, de conhecimento da comunidade lingüística à qual se destina o texto.

Empregando a análise do *continuum* na modalização epistêmica citado por Neves (1996), pode-se dizer que os exemplos de modalização epistêmica analisados – fragmentos (1), (2) e (3) – podem ser apresentados na seguinte escala, que vai do maior ao menor grau de certeza: *é sempre difícil* (fragmento 1), *é impossível* (fragmento 3), *é praticamente impossível* (fragmento 2).

É interessante observar que, nesses três casos de modalização epistêmica, ao tomar uma determinada posição com relação ao conteúdo modalizado, a preocupação do produtor do texto é ancorar as posições assumidas, para que não sejam refutadas pelo interlocutor. Assim, em (1), o produtor faz uma remissão ao que expôs anteriormente por meio da expressão *Com isso*⁷, sugerindo que a dificuldade em avaliar o peso relativo dos investimentos se dá em razão do que foi exposto anteriormente. O mesmo ocorre em (2), em que o produtor do texto justifica o fato de ser praticamente impossível obter-se algumas informações fiscais por conta de o acesso a dados contábeis (citados na frase anterior) serem *tratados como segredo comercial*. Também no fragmento (3), o produtor do texto justifica a avaliação feita com a expressão *Como esses percentuais se referem a médias gerais*. Ou seja, ao usar uma estrutura modalizadora, o produtor do texto se responsabiliza, em menor ou maior grau, com a avaliação aí expressa. Para que sua posição não seja refutada, apresenta dados que possam justificar sua interpretação perante o conteúdo modalizado.

Veja-se, agora, o quarto exemplo em análise:

(4) *E é necessário, também, que se tenha o devido cuidado para não reduzir a ampla questão dos financiamentos públicos apenas aos investimentos publicitários.*

Nesse fragmento, por meio da expressão *é necessário*, representativa da modalização deôntica, o produtor do texto

⁷ Esse tipo de expressão é concebido por Busse (2004) como *Remissivo*.

chama a atenção do interlocutor para uma atitude que precisa ser tomada, julgada não só pertinente como necessária no contexto em que aparece.

Conforme Neves (1996), a modalidade deôntica está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao enunciador ([+controle]) e implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo. Com base nessa definição, observa-se que, no fragmento sob investigação, o produtor do texto apresenta uma necessidade considerada certa, irrefutável, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma voz autorizada a fazer tal “prescrição”.

Assim, enquanto nos três primeiros exemplos as expressões modalizadoras em análise estão relacionadas à posição avaliativa do produtor do texto com relação ao conteúdo proposicional, com a modalização deôntica do quarto exemplo, o produtor do texto envolve mais diretamente o leitor ao levantar uma “obrigação” que precisa ser cumprida pelos interlocutores. Nesse sentido, é possível entrever, no fragmento (4), a presença da terceira camada de significação (pragmática) apontada por Dascal (1986), uma vez que correlaciona o produtor do texto e seu interlocutor, “engajados numa conversação com o conteúdo das proposições que estão sendo criadas” (CASTILHO; CASTILHO, 1992: 214).

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise dos recortes apresentada acima constitui uma descrição parcial da pesquisa em andamento. Procurou-se, neste trabalho, observar como se comporta o par “é + adjetivo” em função modalizadora em alguns recortes de um artigo de opinião. Conforme a análise apresentada, no caso em que essa estrutura veicula a modalização epistêmica, observou-se que o seu uso retrata uma estratégia do produtor do texto para marcar sua intervenção avaliativa com relação ao conteúdo da mensagem, dando ao texto um valor de verdade associada ao seu saber, buscando garantir a adesão do leitor à tese apresentada. A análise do posicionamento do produtor do texto frente ao dito ou ao modo de dizer permite estabelecer

gradações diferentes de seu engajamento ou de seu afastamento em relação ao que afirma. No caso em que a modalização veiculada é a deôntica, observa-se que o produtor do texto apresenta-se como uma voz autorizada a fazer certas “prescrições”, atribuindo aos interlocutores a obrigação de tomar uma certa atitude, julgada necessária no contexto em que aparece.

A pesquisa aqui parcialmente descrita parte do princípio apontado por Koch (1997) de que interessam ao estudo propriamente lingüístico as formas de organização da linguagem para a realização de fins sociais, uma vez que as condições de enunciação referendam a compreensão da língua como “atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, a qual se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização” (KOCH, 2002: 17), e do princípio de que é preciso desvendar, no evento da enunciação, as formas diversas em que o sujeito se representa no enunciado (cf. DUCROT, 1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSE, S. *Uma tentativa de descrição das macroestruturas sintático-semânticas geradas pelo predicado nominal em porções textuais retiradas de redações produzidas pelos candidatos ao vestibular especial/2002 da UNIOESTE*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2004.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R (org.) *Gramática do português falado*. Vol II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1992.

DASCAL, Marcelo. A relevância do mal-entendido. [Trad. de MORAES, Maria da Glória]. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: IEL, n. 11, p. 199-217, jul./dez. 1986.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to Functional Grammar*, Oxford: 1985.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A interação pela linguagem*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, V.A. Comunicação democrática: quem financia a mídia privada? *Observatório da Imprensa*, ano 11, n. 409, 28/11/2006. Disponível em < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=409JDB001> >. Acesso em 28 de nov. 2006.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996.

PARRET, H. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

SELLA, A.F. *Descrição da frase em Língua Portuguesa com base nos pressupostos da Teoria das Valências*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, 2000.

_____. A argumentatividade que emerge do predicado nominal. In: *XXXIII Revista de Estudos Lingüísticos do GEL* (Trabalhos apresentados no 51º Seminário do Gel 2003) UNITAU-Taubaté, 2004, p.158-162.

_____; ROMAN, E.C. *Analisando o Aposto e o Predicado Nominal*. Uniletras, Ponta Grossa: 2004.

VICENTI, F.P. *Predicado nominal em posição temática: papéis modalizadores*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.